

**Agressividade em Psicanálise:  
da formulação lacaniana às reinterpretações atuais**

**Aggressiveness in Psychoanalysis:  
from lacanian formulation to contemporary reinterpretations**

**La Agresividad en el Psicoanálisis:  
de la formulación lacaniana a las reinterpretaciones actuales**

Carlos Eduardo Borges Dias <sup>1</sup>

Andrea Freire Fernandes Eichler dos Santos <sup>2</sup>

Larissa Borges Dias Souto <sup>3</sup>

Willian Mac-Cormick Maron <sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> Universidade Tuiuti do Paraná, [carlos.dias@utp.br](mailto:carlos.dias@utp.br), PROPPE, Rua Padre Ladislau Kula, Nº 395, Santo Inácio, Curitiba, PR, CEP 82.010-210, <https://orcid.org/0000-0001-7072-8433>.

<sup>2</sup> Universidade Tuiuti do Paraná, [andrea.santos1@utp.edu.br](mailto:andrea.santos1@utp.edu.br), <https://orcid.org/0009-0001-8326-2051>.

<sup>3</sup> Universidade Tuiuti do Paraná, [larissa.souto@utp.edu.br](mailto:larissa.souto@utp.edu.br), <https://orcid.org/0009-0000-9696-221X>.

<sup>4</sup> Pontifícia Universidade Católica do Paraná, [willian.mmaron@pucpr.br](mailto:willian.mmaron@pucpr.br), <https://orcid.org/0000-0002-9285-0437>.

## Resumo

O presente estudo analisa o conceito de agressividade na teoria de Jacques Lacan (1998/1948), articulando-o às contribuições contemporâneas de Fong (2017), Kaye (2023) e Neill & Eysers (2024). A agressividade é concebida por Lacan como uma força estrutural que atravessa a constituição subjetiva e o laço social, emergindo da alienação inerente ao estágio do espelho e sendo mediada pelo grande Outro. A análise expõe como essa tensão constitutiva, articulada aos registros do imaginário, do simbólico e do real, é essencial para compreender a subjetividade. Ao dialogar com os autores contemporâneos, o estudo amplia a compreensão do conceito, conectando-o às dinâmicas pré-especulares de dependência e separação (Fong), às tensões sociopolíticas do capitalismo que exacerbam o narcisismo e a violência estrutural (Kaye), e às experiências de fragmentação corporal que moldam a subjetividade (Neill & Eysers). Conclui-se que a agressividade é um conceito indispensável para a psicanálise e para a análise de subjetividades contemporâneas, bem como na psicologia forense. Ademais, propõe-se investigações futuras sobre o manejo clínico e as implicações socioculturais da agressividade, destacando sua centralidade na compreensão de transformações subjetivas e sociais.

**Palavras-chave:** Agressividade; Psicanálise; Lacan.

## Abstract

This study analyzes the concept of aggressiveness in Jacques Lacan's theory ("Aggressiveness in Psychoanalysis", 1998/1948), articulating it with contemporary contributions from Fong (2017), Kaye (2023), and Neill & Eysers (2024). For Lacan, aggressiveness is conceived as a structural force that traverses subjective constitution and social bonds, emerging from the alienation inherent to the mirror stage and mediated by the big Other. The analysis highlights how this constitutive tension, articulated with the registers of the Imaginary, the Symbolic, and the Real, is essential for understanding subjectivity. By engaging with contemporary authors, the study broadens the comprehension of the concept, linking it to pre-specular dynamics of dependence and separation (Fong), sociopolitical tensions of capitalism that exacerbate narcissism and structural violence (Kaye), and experiences of bodily fragmentation that shape subjectivity (Neill & Eysers). The findings reaffirm that aggressiveness is an indispensable concept for psychoanalysis and the study of contemporary subjectivities. Furthermore, the study suggests future investigations into the clinical management and sociocultural implications of aggressiveness, emphasizing its centrality in understanding subjective and social transformations.

**Keywords:** Aggressiveness; Psychoanalysis; Lacan.

## Resumen

Este estudio analiza el concepto de agresividad en la teoría de Jacques Lacan ("La agresividad en psicoanálisis", 1998/1948), articulándolo con las contribuciones contemporáneas de Fong (2017), Kaye (2023) y Neill & Eysers (2024). Lacan concibe la agresividad como una fuerza estructural que atraviesa la constitución subjetiva y los lazos sociales, emergiendo de la alienación inherente al estadio del espejo y mediada por el gran Otro. El análisis destaca cómo esta tensión constitutiva, articulada con los registros de lo Imaginario, lo Simbólico y lo Real, resulta esencial para comprender la subjetividad. Dialogando con autores contemporáneos, el estudio amplía la

comprensión del concepto, vinculándolo a las dinámicas prespeculares de dependencia y separación (Fong), a las tensiones sociopolíticas del capitalismo que exacerbaban el narcisismo y la violencia estructural (Kaye), y a las experiencias de fragmentación corporal que moldean la subjetividad (Neill & Eysers). Se concluye que la agresividad es un concepto indispensable para el psicoanálisis y el análisis de las subjetividades contemporáneas. Asimismo, se proponen investigaciones futuras sobre el manejo clínico y las implicaciones socioculturales de la agresividad, destacando su centralidad en la comprensión de las transformaciones subjetivas y sociales.

**Palabras clave:** Agresividad; Psicoanálisis; Lacan.

## Introdução

A agressividade, enquanto conceito central na teoria lacaniana, é uma força que atravessa a constituição subjetiva e o laço social. Em “A agressividade em psicanálise”, Lacan, (1998/1948) ressignifica a noção freudiana de agressividade, articulando-a aos registros imaginário e simbólico, e evidenciando suas implicações clínicas e sociais. Posicionada como uma tensão constitutiva, a agressividade emerge da relação dialética entre eu e outro, especialmente no estágio do espelho, quando a identificação especular inaugura uma unidade ilusória sustentada pela alienação. Tal força psíquica é indissociável das dinâmicas do desejo e da linguagem, mediadas pelo grande Outro, cuja presença intensifica relações de fascínio e rivalidade. Essa concepção inscreve a agressividade no âmago de experiências ligadas a dimensão estrutural da subjetividade e relações intersubjetivas.

A complexidade desse conceito exige, porém, sua articulação com questões contemporâneas que introduzem novas configurações de desejo, poder e alienação. No cenário atual, marcado por transformações culturais e desigualdades sociopolíticas, a relevância do conceito de agressividade torna-se ainda mais evidente. Kaye (2023) examina o impacto do capitalismo contemporâneo sobre o narcisismo e a violência estrutural, evidenciando como as lógicas de consumo intensificam a alienação subjetiva. Fong (2017), por sua vez, conecta a agressividade às dinâmicas pré-especulares, enfatizando a ambivalência nas relações iniciais com a figura materna. Neill & Eysers (2024) aprofundam a análise do corpo fragmentado, evidenciando sua persistência tanto na clínica quanto nas relações sociais contemporâneas.

O problema teórico central deste estudo consiste em explorar como as formulações de Lacan podem ser reinterpretadas à luz dessas contribuições contemporâneas, mantendo sua coerência interna e ampliando seu alcance. Esse esforço visa posicionar a agressividade como um ponto de articulação entre o intrapsíquico e o sociocultural, reafirmando sua relevância para a psicanálise e para a

compreensão das subjetividades em transformação.

O objetivo principal deste artigo é analisar a agressividade como conceito fundamental em Lacan e articular suas teses às interpretações contemporâneas de Fong, Kaye e Neill & Eysers. Busca-se demonstrar como a agressividade se conecta às dinâmicas intersubjetivas e socioculturais, consolidando-se como uma categoria indispensável tanto para a clínica psicanalítica quanto para investigações interdisciplinares.

## Método

O presente estudo fundamenta-se em uma abordagem hermenêutica, centrada na interpretação do texto “A agressividade em psicanálise” de Jacques Lacan, originalmente publicado em 1948 e posteriormente incluído em *Escritos* (1998). Este texto será tomado como núcleo estruturador da análise, sendo complementado pelas contribuições críticas contemporâneas de Fong (2017), Kaye (2023) e Neill & Eysers (2024). Tal método se justifica pela necessidade de articular o conceito de agressividade à luz de diferentes perspectivas teóricas, integrando dimensões clínicas, filosóficas e sociopolíticas.

O procedimento hermenêutico, amplamente utilizado na psicanálise e na filosofia, pressupõe que os textos analisados não sejam entendidos como autossuficientes, mas sim como elementos de uma rede discursiva. Essa rede, neste caso, conecta Lacan à tradição psicanalítica freudiana e aos debates contemporâneos sobre subjetividade, narcisismo e violência estrutural. Partindo da premissa de que o significado de um texto é constituído em diálogo com outros textos, adotar-se-á aqui um modelo interpretativo que valorize tanto a análise interna de conceitos como a relação intertextual entre as obras analisadas.

A análise interna consiste na consideração de categorias fundamentais presentes no texto de Lacan, como “estádio do espelho”, “imago” e “corpo fragmentado”, e na explicitação de suas implicações teóricas e clínicas. Este processo se baseia em uma leitura minuciosa

e sequencial do texto, guiada pelo esforço de compreender o lugar da agressividade na constituição subjetiva e na economia psíquica proposta por Lacan.

Na análise externa, as categorias serão articuladas a interpretações fornecidas por autores contemporâneos, como Fong (2017), que aprofunda a relação entre agressividade e onipotência materna, Kaye (2023), que situa a agressividade no contexto das dinâmicas de poder e narcisismo no capitalismo contemporâneo, e Neill & Evers (2024), que enfatizam o papel das fantasias corporais fragmentadas na constituição subjetiva. Essa articulação busca evidenciar continuidades e tensões entre Lacan e os debates contemporâneos.

O método adotado também se caracteriza pela perspectiva crítica, que implica não apenas a exegese dos textos, mas também sua problematização. Por exemplo, o conceito lacaniano de agressividade é interrogado à luz das críticas à universalidade do estágio do espelho e das implicações sociais do narcisismo exacerbado. Além disso, questiona-se a aplicabilidade contemporânea de certos conceitos lacanianos frente às transformações sociais e culturais descritas por Kaye (2023) e Fong (2017).

A escolha do texto de Lacan como eixo teórico é justificada primeiramente porque o texto delimita a agressividade não apenas como um fenômeno comportamental ou clínico, mas como algo que atravessa as dimensões imaginária, simbólica e real da subjetividade. Essa abordagem permite superar explicações reducionistas, tais como as oferecidas por perspectivas estritamente biológicas ou comportamentais, situando a agressividade no âmago da relação do sujeito com sua imagem e com o desejo do Outro.

O texto de Lacan também se destaca pelo modo como articula a subjetividade ao aspecto social. O autor argumenta que a agressividade é intrínseca à alienação que marca o sujeito desde o início de sua constituição. Essa alienação, como veremos, implica uma tensão contínua entre a busca por completude imaginária e a fragmentação real do corpo, tensão que reflete não apenas conflitos

intrapésíquicos, mas também dinâmicas sociais, como hierarquias e disputas de poder. Dessa forma, o texto oferece uma base teórica sólida para explorar os vínculos entre agressividade e contextos socioculturais contemporâneos.

A escolha desse texto justifica-se também pela profundidade com que Lacan reinterpreta conceitos freudianos, como a pulsão de morte, conferindo-lhes uma nova dimensão teórica. Enquanto Freud associava a agressividade ao princípio da destruição e ao funcionamento pulsional, Lacan se focaliza nas implicações imaginárias e simbólicas da agressividade, especialmente no que concerne à formação do eu e às identificações narcisistas. Essa abordagem inovadora permite uma leitura ampliada das manifestações clínicas e sociais da agressividade, tornando o texto um ponto de partida indispensável para articulações críticas com autores contemporâneos.

A combinação entre o texto de Lacan e os comentários críticos selecionados assegura uma abordagem interdisciplinar e contextualizada do tema. Enquanto “*A agressividade em psicanálise*” serve como base teórica central, os textos de Fong, Kaye e Neill & Evers funcionam como interlocutores indispensáveis, permitindo uma análise que combina rigor conceitual, atualização histórica e relevância clínica. Tal articulação confere ao presente estudo não apenas profundidade analítica, mas também amplitude interpretativa, tornando-o um contributo significativo para o campo da psicanálise e áreas correlatas.

## Resultados

A análise teórica realizada será estruturada em dois níveis complementares: primeiramente, a concepção de Lacan (1998/1948), que constitui o eixo interpretativo; em seguida, a articulação delas com comentários contemporâneos que elucidam como Lacan compreende a agressividade e como suas noções dialogam com dimensões clínicas e sociopolíticas, tal como os de Fong (2017), Kaye (2023) e Neill & Evers (2024). Essa organização permite uma

análise coerente que articula as bases conceituais do texto principal com as interpretações críticas subsequentes, ampliando o alcance e a profundidade do conceito de agressividade.

### **1. Análise de *A agressividade em psicanálise*, de Lacan (1998/1948).**

Antes da análise do texto lacaniano serão apresentados pressupostos teóricos necessários para que a ele possam ser atribuídos sentidos. Entre os conceitos centrais articulados ao tema da agressividade, destacam-se o estádio do espelho, a imago, o corpo fragmentado e a relação com o grande Outro. Cada um desses elementos será brevemente descrito, evidenciando como eles fundamentam as teses de Lacan, que serão apresentadas posteriormente.

O estádio do espelho, introduzido por Lacan em 1936 e ampliado posteriormente, ocupa uma posição central em sua teoria da subjetividade. Trata-se do momento no qual a criança reconhece sua imagem no espelho como uma unidade. Essa experiência, embora fundadora, é marcada pela ambivalência: a identificação com a imagem especular fornece ao sujeito uma sensação de unidade e completude, mas tal unidade é ilusória, pois a imagem está fora do sujeito, em uma exterioridade que ele nunca poderá plenamente apropriar-se. Tal dualidade entre unidade imaginária e alienação funda o eu, e também inaugura uma tensão constitutiva que se expressa por meio da agressividade. A criança, ao identificar-se com a imagem, experimenta ao mesmo tempo um sentimento de fascínio e de rivalidade. A promessa de unidade oferecida pela imagem é frustrada pela impossibilidade de alcançá-la plenamente, engendrando uma relação de hostilidade tanto com a própria imagem quanto com o outro que a legitima. Essa dinâmica dialética fornece as bases para a compreensão da agressividade enquanto uma força que atravessa a constituição subjetiva.

No sistema teórico de Lacan, as imagos são cruciais para a organização do imaginário do sujeito. As representações psíquicas, que

incluem imagens de fragmentação, castração, desmembramento e mutilação, estruturam a experiência subjetiva especialmente no início do desenvolvimento. Lacan enfatiza que imagos não são simples fantasias episódicas, mas matrizes estruturantes que moldam a relação do sujeito consigo mesmo e com o outro. As imagos de fragmentação, em particular, são centrais para compreender a agressividade. Elas expressam o conflito entre o desejo de unidade do sujeito e sua experiência de fragmentação corporal. Essas imagens não desaparecem com a constituição do eu, mas permanecem como elementos latentes que podem ser reativados em situações de rivalidade ou crise. Assim, a imago é tanto um reflexo da fragmentação interna quanto uma fonte de agressividade dirigida ao outro.

O conceito de corpo fragmentado, estreitamente relacionado ao estádio do espelho e às imagos, se relaciona com a experiência de descontinuidade que caracteriza a percepção corporal antes da identificação especular. Para Lacan, o corpo fragmentado é mais do que uma condição transitória; ele representa uma dimensão estrutural da subjetividade, que persiste mesmo após a constituição do eu imaginário. Tal fragmentação corporal é uma das principais fontes da agressividade. O sujeito, ao experimentar seu corpo como fragmentado, projeta essa sensação de desintegração no outro, configurando uma relação marcada por rivalidade e hostilidade. A percepção de fragmentação não é, assim, apenas um reflexo de uma falta interna do sujeito, mas também um elemento que organiza suas interações intersubjetivas.

No pensamento lacaniano, o grande Outro é a instância simbólica que estrutura a linguagem, o desejo e a lei. Ele desempenha um papel fundamental na configuração da agressividade, pois é ele que ratifica a identificação especular e insere a subjetividade no campo simbólico. A relação do sujeito com o grande Outro é intrinsecamente ambígua. Por um lado, o grande Outro oferece ao sujeito os parâmetros simbólicos que possibilitam a constituição do eu; por outro, ele instaura uma

relação de dependência que perpetua a sensação de alienação. Essa ambivalência é uma fonte contínua de agressividade, que se manifesta tanto como resistência à autoridade do Outro quanto como tentativa de afirmar a própria autonomia.

Os conceitos de estádio do espelho, imago, corpo fragmentado e grande Outro estão interligados e fornecem bases para a compreender a agressividade como força estruturante na subjetividade. A identificação imaginária, mediada pelo grande Outro, é marcada por uma tensão entre o desejo de unidade e a percepção de fragmentação, gerando uma agressividade que atravessa as dimensões intrapsíquicas, intersubjetivas e simbólicas.

### 1.1. Introduzindo o texto de Lacan (1998/1948).

Nesse texto, Lacan propõe uma releitura da agressividade, inscrevendo-a como uma dimensão fundamental na constituição do sujeito e estabelecendo conexões teóricas essenciais entre a economia psíquica subjetiva e as dinâmicas intersubjetivas. Mais do que descrever a agressividade como um comportamento, Lacan a concebe como estruturante da subjetividade, articulada aos registros imaginário e simbólico e intrinsecamente vinculada à alienação constitutiva do sujeito.

Lacan inicia sua reflexão afirmando que a agressividade não pode ser reduzida a manifestações episódicas ou comportamentais. Em vez disso, ela se enraíza na dialética constitutiva do sujeito, especialmente no momento do estádio do espelho, que o autor descreve como um evento inaugural no processo de formação do eu. Nele, a criança, ao se identificar com sua imagem refletida, adquire uma sensação de unidade que contrasta com a realidade fragmentada de seu corpo vivido. Essa identificação imaginária, embora estruturante, é alienante, pois o sujeito é levado a construir seu eu a partir de uma exterioridade ilusória, o que inaugura uma tensão com sua própria imagem.

Lacan caracteriza a agressividade como uma expressão dessa tensão. A relação do sujeito com sua imagem especular é, ao mesmo tempo, de fascínio e de rivalidade. A fascinação resulta da promessa de completude que a imagem oferece; a rivalidade, por sua vez, emerge da percepção de que essa unidade é ilusória e inatingível. Assim, a agressividade é compreendida como força que nasce da alienação do sujeito em relação a si mesmo e ao outro, refletindo a impossibilidade de reconciliar sua realidade fragmentada com a unidade imaginária do eu.

Um ponto central do texto é a relação entre agressividade e imago. Lacan identifica as imagens fragmentadas do corpo como vetores privilegiados da agressividade, referindo-se a fantasias de desmembramento, castração e destruição corporal que atravessam a experiência psíquica. Essas imagos, que remontam às fases mais arcaicas da subjetividade, configuram o campo imaginário no qual a agressividade se manifesta. A estruturação do eu não elimina essas imagos fragmentadas: ela as integra de maneira dialética, mantendo-as como potenciais fontes de conflito intrapsíquico.

Lacan enfatiza que a agressividade, configurada pelo imaginário, não é puramente intrapsíquica. Ela encontra expressão na relação com o outro, particularmente em situações de rivalidade e competição. Essa dimensão intersubjetiva da agressividade é crucial, pois revela como a alienação constitutiva do sujeito é refletida nas suas interações sociais, caracterizadas amiúde por relações de poder e dominação. Dessa forma, Lacan amplia a compreensão da agressividade para além do âmbito individual, posicionando-a como um elemento mediador entre a subjetividade e o social.

O autor também conecta a agressividade ao grande Outro, entendido como a instância simbólica que regula o desejo e a linguagem. No estádio do espelho, o grande Outro desempenha um papel fundamental ao ratificar a identificação especular da criança, conferindo à imagem sua função estruturante. Contudo, essa ratificação é ambígua: ao mesmo tempo que permite a constituição do

eu, ela submete o sujeito ao campo do grande Outro, instaurando uma relação de dependência e subordinação. Essa relação com o grande Outro é uma das fontes da agressividade, que se manifesta como uma tentativa de resistir à alienação imposta pelo simbólico.

Tendo em mente que o desejo é sempre mediado pelo desejo do grande Outro, a agressividade surge, nesse contexto, como uma reação à impossibilidade de satisfazer plenamente o desejo do grande Outro, uma impossibilidade que está inscrita na própria estrutura do desejo humano. Essa dimensão estrutural da agressividade, que articula o imaginário e o simbólico, é uma das contribuições mais inovadoras de Lacan, pois conecta a constituição subjetiva às dinâmicas do desejo e da linguagem.

O texto de Lacan tem implicações profundas tanto para a clínica psicanalítica quanto para a teoria da subjetividade. Na clínica, a compreensão da agressividade como dimensão constitutiva permite ao analista identificar os conflitos subjacentes às manifestações sintomáticas, como rivalidades familiares, sentimentos de inferioridade e comportamentos autodestrutivos. Esses conflitos, frequentemente enraizados na relação do sujeito com sua imagem e com o grande Outro, revelam a complexidade das dinâmicas imaginárias e simbólicas que estruturam a subjetividade.

Teoricamente, o texto inaugura uma perspectiva que transcende a dicotomia entre pulsão e comportamento, situando a agressividade como um elemento estrutural da experiência humana, o que permite a Lacan dialogar com a tradição freudiana, reinterpretando conceitos como a pulsão de morte e a rivalidade edípica à luz do estádio do espelho e da alienação imaginária. A tradição Freudiana localiza a agressividade a partir de uma economia libidinal e de circuitos pulsionais. A agressividade poderia, portanto, ser direcionada à destruição de si, a destruição do outro, como ódio e agressão ou sublimada, transformada em potência produtiva, civilizatória e reconhecida socialmente.

Em suma, “A agressividade em psicanálise” não é apenas um texto fundador para a teoria lacaniana, mas também um marco na psicanálise contemporânea. Ele oferece uma visão inovadora da agressividade, articulando-a de maneira profunda às dinâmicas do imaginário, do simbólico e do desejo, e estabelecendo as bases para um diálogo interdisciplinar que continua a influenciar a psicanálise e outros campos do saber.

## 1.2. As cinco teses de Lacan.

Lacan (1998/1948) formula cinco teses que reconfiguram a noção de agressividade como uma categoria estrutural da subjetividade. Essas teses, articuladas ao campo do imaginário, do simbólico e do real, transcendem explicações reducionistas e inserem a agressividade no cerne das dinâmicas psíquicas e intersubjetivas. A seguir, será apresentada uma análise pormenorizada das cinco teses, enriquecida com o diálogo com os textos de Fong (2017), Kaye (2023) e Neill & Evers (2024).

Tese I: A agressividade se manifesta numa experiência que é subjetiva por sua própria constituição.

Lacan inicia sua reflexão afirmando que a agressividade é inseparável da subjetividade, sendo constitutiva da experiência humana. Diferentemente de explicações comportamentais ou biológicas, a psicanálise situa a agressividade no campo da relação do sujeito com o outro, concebendo-a como uma força que emerge da comunicação dialética entre os dois polos dessa relação.

Para o autor, a subjetividade não é um dado, mas um processo contínuo de constituição mediado pela linguagem e pela interação com o grande Outro. Neill & Evers (2024) reforçam esse ponto ao enfatizar que a agressividade é regulada pela dinâmica simbólica que atravessa o campo do desejo. Assim, a agressividade não pode ser reduzida a um fenômeno isolado, mas deve ser entendida como um efeito da tensão constitutiva entre o eu e o outro no processo de subjetivação.

Tese II: A agressividade, na experiência, nos é dada como intenção de agressão e como imagem de desmembramento corporal, e é nessas modalidades que se demonstra eficiente.

Nesta tese, Lacan conecta a agressividade à dimensão imaginária, caracterizando-a por meio de representações simbólicas como a castração, o desmembramento e a destruição corporal. Essas imagos não são meros produtos da fantasia, mas estruturas arcaicas que organizam o imaginário do sujeito. As imagens de fragmentação são inseparáveis do processo de formação do eu. Como veremos mais adiante, para Fong (2017), elas refletem a ambivalência do sujeito em relação à onipotência materna, na qual o ideal de unidade é simultaneamente desejado e ameaçador. Assim, a agressividade torna-se a manifestação de um conflito intrapsíquico profundo, materializado por essas representações simbólicas que marcam a experiência do corpo no registro do imaginário.

Tese III: Os impulsos de agressividade decidem sobre as razões que motivam a técnica da análise.

Lacan propõe que a técnica psicanalítica se fundamenta na capacidade de lidar com os impulsos agressivos que estruturam o discurso do sujeito. A psicanálise, ao adotar o diálogo como ferramenta terapêutica, reconhece que a interação analítica é permeada pela agressividade, transformando-a em material de elaboração simbólica.

Essa tese destaca a importância da transferência na clínica, na medida em que a agressividade é frequentemente projetada na figura do analista. Neill & Eysers (2024) observam que, ao acolher e simbolizar esses impulsos, o analista possibilita que o sujeito reconfigure suas relações imaginárias e simbólicas, promovendo um processo de subjetivação mais integrado. A agressividade, nesse contexto é redimensionada pela mediação do grande Outro no espaço analítico.

Tese IV: A agressividade é a tendência correlativa a um modo de identificação a que chamamos narcísica, e que determina a estrutura formal do eu do homem e do registro de entidades característico de seu mundo

A quarta tese de Lacan é estruturada em torno do conceito de alienação imaginária, descrita como a relação do sujeito com sua imagem especular no estádio do espelho. Essa identificação, ao mesmo tempo que inaugura o eu, inscreve uma falta estrutural, pois a unidade projetada pela imagem é ilusória e exterior ao sujeito. Tal alienação gera uma tensão constitutiva, na qual o desejo de apropriar-se da unidade imaginária é frustrado pela impossibilidade de alcançá-la. Lacan localiza aqui a origem da agressividade: a imagem do outro, que deveria oferecer completude, torna-se fonte de rivalidade e hostilidade. Kaye (2023) amplia essa ideia ao situar a alienação imaginária no contexto sociopolítico contemporâneo, argumentando que os ideais inalcançáveis promovidos pelas estruturas de consumo intensificam a dinâmica agressiva, perpetuando a insatisfação subjetiva.

Tese V: A agressividade é mediada pelo grande Outro

Na última tese, Lacan articula a agressividade ao registro simbólico, representado pelo grande Outro que, enquanto instância que regula a linguagem e o desejo, ratifica a identificação especular do sujeito, ao mesmo tempo que o insere em uma estrutura de dependência e alienação. O autor descreve a agressividade como uma força que emerge dessa relação ambígua. Por um lado, o grande Outro oferece ao sujeito a possibilidade de simbolizar sua falta; por outro, ele estabelece os limites que tornam essa falta intransponível. Fong (2017) interpreta essa dinâmica como uma extensão da ambivalência inicial entre o sujeito e a figura materna, enquanto Neill & Eysers (2024) enfatizam que a agressividade, mediada pelo grande Outro, permeia as relações intersubjetivas e sociais, conectando

o campo clínico às dinâmicas culturais mais amplas.

Essas cinco teses de Lacan configuram um sistema teórico interligado que situa a agressividade como uma força estruturante na constituição do sujeito e na organização de suas relações. Elas delineiam a agressividade como consequência inevitável da dialética entre o imaginário, o simbólico e o real, estabelecendo as bases para uma psicanálise que transcende os limites da clínica e se insere em um horizonte interdisciplinar mais amplo.

## 2. Contribuições de comentadores atuais.

Para articular as teses de Lacan (1998/1948) com interpretações e releituras contemporâneas, serão apresentados agora os comentários de Fong (2017), Kaye (2023) e Neill & Eysers (2024), os quais, a partir de suas perspectivas teóricas, ampliam a compreensão da agressividade, situando-a em novos contextos e abordagens.

Essas contribuições são fundamentais para demonstrar a vitalidade do pensamento lacaniano e sua capacidade de dialogar com problemas emergentes nas dimensões clínica, sociopolítica e filosófica. Fong explora a relação entre a agressividade e as dinâmicas do narcisismo primário, com destaque para a onipotência materna. Kaye posiciona a agressividade no centro das estruturas de poder e consumo no capitalismo contemporâneo, enquanto Neill & Eysers aprofundam a análise da dimensão imaginária e simbólica da agressividade, enfatizando o papel do corpo fragmentado.

### 2.1. Agressividade e Onipotência Materna.

Fong (2017) efetua uma leitura meticulosa das teses de Lacan, enfatizando a centralidade da onipotência materna na gênese do narcisismo primário e suas implicações para a subjetividade. Ele articula de forma inovadora os conceitos de agressividade e narcisismo, sugerindo que a relação inicial do infante com a figura materna desempenha um papel

estruturante tanto na formação do eu quanto na configuração da agressividade como uma força inerente à economia psíquica.

Argumentando que a agressividade é inseparável do narcisismo primário, Fong explica que as bases dele estão ancoradas na relação inicial com a mãe enquanto figura de onipotência. Para o infante, a mãe não é apenas uma fonte de cuidado e proteção, mas também uma figura que encarna a totalidade do mundo externo, percepção que confere à mãe um estatuto simbólico de onipotência, já que parece deter o poder absoluto sobre a satisfação das necessidades do bebê. Essa dinâmica é, para Fong, fundamental para o estabelecimento do narcisismo primário, já que o sujeito identifica-se com essa onipotência percebida, atribuindo a si mesmo um ideal de completude absoluta.

Contudo, essa identificação é marcada por uma tensão constitutiva. À medida que a dependência do infante em relação à mãe se torna evidente, a onipotência atribuída a ela transforma-se em uma fonte de ambivalência, alimentando sentimentos de admiração e rivalidade. A mãe, ao mesmo tempo que é percebida como suporte da unidade narcisística, também é vivenciada como uma ameaça à autonomia do sujeito emergente. Esse paradoxo gera uma agressividade latente que, embora direcionada à mãe como figura externa, está enraizada no conflito intrapsíquico do sujeito em relação ao ideal de onipotência que ele projeta e tenta incorporar.

Uma das contribuições mais significativas de Fong é sua análise da agressividade como uma força mediadora entre a dependência inicial do infante e seu desejo de separação. Ele sugere que a agressividade, nesse contexto, é uma resposta à percepção de que a onipotência materna é, em última instância, inacessível e ilusória. Essa percepção, que marca o início da alienação do sujeito, é vivenciada como uma ruptura traumática que mobiliza a agressividade tanto em direção à mãe quanto ao próprio ideal narcisístico.

A agressividade, segundo Fong, opera como mecanismo de proteção e rejeição, permitindo ao sujeito estabelecer uma distância simbólica em relação à figura

materna. Contudo, essa separação é inevitavelmente ambígua. Por um lado, ela é necessária para que o sujeito desenvolva um senso de individualidade e autonomia; por outro, ela perpetua a sensação de perda e insuficiência que acompanha o abandono da ilusão de onipotência. Tal ambivalência é central para a compreensão do papel estruturante da agressividade no nível intrapsíquico e nas dinâmicas intersubjetivas.

Fong fundamenta sua análise no texto de Lacan (1998/1948), ampliando a discussão dele sobre narcisismo e alienação imaginária. Enquanto Lacan localiza a origem da agressividade na relação do sujeito com sua imagem especular, Fong propõe que essa dinâmica é antecedida pela relação com a mãe como figura de onipotência. Ele interpreta o estádio do espelho como uma continuidade da experiência inicial de dependência materna, sugerindo que a imagem especular funciona como um substituto simbólico para a unidade perdida com a mãe.

Essa abordagem amplia o alcance da teoria lacaniana ao conectar a agressividade não apenas à dinâmica imaginária do eu, mas também às dimensões pré-edípicas da relação mãe-filho. Além disso, Fong sugere que a tensão entre dependência e separação, que caracteriza a relação com a mãe, encontra ecos na relação do sujeito com o grande Outro, reforçando que a agressividade é uma força que atravessa todos os níveis da subjetividade.

As reflexões de Fong possuem implicações significativas para a clínica psicanalítica e para a teoria da subjetividade. Na clínica, sua análise ilumina os conflitos que surgem em pacientes cujas manifestações de agressividade estão enraizadas em sentimentos de ambivalência em relação às figuras parentais iniciais. Tais conflitos frequentemente surgem como rivalidades, comportamentos regressivos e dificuldades de estabelecer uma identidade autônoma.

Fong oferece assim uma leitura que integra a reflexão lacaniana aos debates contemporâneos sobre subjetividade e narcisismo. Sua ênfase na relação entre agressividade e onipotência materna contribui para uma compreensão mais profunda das

origens e das funções dessa força psíquica, evidenciando sua centralidade na clínica e nas interações sociais e culturais. Sua perspectiva, ao mesmo tempo que dialoga com Lacan, oferece novos caminhos para explorar as complexas relações entre agressividade, dependência e autonomia no processo de constituição do sujeito.

## 2.2. Narcisismo e violência no capitalismo.

Kaye (2023), liga o conceito lacaniano de agressividade ao contexto das dinâmicas sociopolíticas do capitalismo contemporâneo. Partindo das formulações de Lacan sobre narcisismo e alienação imaginária, Kaye argumenta que o capitalismo exacerba as tensões inerentes à subjetividade, transformando a agressividade em um elemento estrutural de manutenção das desigualdades sociais. Sua leitura apresenta uma interpretação crítica que articula as dimensões psíquicas e sociais da agressividade, revelando como o narcisismo é instrumentalizado no sistema capitalista como dispositivo de controle e produção de subjetividades alienadas.

Para o autor, o narcisismo, estrutura constitutiva da subjetividade, é amplificado pelas dinâmicas capitalistas. No sistema econômico contemporâneo, o sujeito é constantemente exposto a ideais de consumo, sucesso e poder que reforçam sua identificação imaginária com uma imagem idealizada. Essa identificação, embora ilusória, é central para o funcionamento do capitalismo, que se sustenta na perpetuação do gozo insaciável e na promessa de completude que nunca é alcançada.

O narcisismo, nesse sentido, torna-se o motor do consumo. Os sujeitos são incitados a buscar incessantemente objetos que prometem realizar o ideal especular, mas que, na verdade, reforçam a alienação e a fragmentação. Kaye relaciona tal dinâmica com a noção lacaniana de agressividade: a frustração resultante da impossibilidade de alcançar o ideal promovido pelo mercado intensifica as tensões intrapsíquicas e intersubjetivas, manifestando-se em

comportamentos competitivos, relações de dominação e violência.

A relevância da contribuição de Kaye está em conectar a agressividade individual às formas de violência estrutural que caracterizam o capitalismo. Ele explica que o sistema econômico atual não apenas explora a agressividade como um recurso para sustentar a produtividade e o consumo, mas também a institucionaliza em dinâmicas de exclusão, exploração e desigualdade. Essa violência estrutural, embora frequentemente invisibilizada, é uma manifestação direta da alienação e da rivalidade que permeiam as relações sociais no capitalismo.

Assim, Kaye evidencia que o capitalismo exacerba a dimensão imaginária da agressividade ao promover uma lógica de competição e comparação constantes. Os sujeitos são encorajados a ver uns aos outros como rivais na busca por status, reconhecimento e acesso a bens de consumo. Essa rivalidade não é apenas intersubjetiva, mas também mediada pelo grande Outro, entendido como instância simbólica que legitima as estruturas de poder e consumo. Nesse contexto, a agressividade torna-se uma força estruturante tanto das subjetividades individuais quanto das dinâmicas sociais.

O autor também recorre à teoria dos discursos de Lacan para analisar como o discurso capitalista organiza as relações entre sujeito, objeto e grande Outro. Ele observa que, no discurso capitalista, o objeto de consumo é posicionado como a resposta ao desejo do sujeito, mas apenas para perpetuar sua falta estrutural. O resultado é uma subjetividade marcada por insatisfação crônica e agressividade latente, que são instrumentalizadas para manter a lógica do sistema.

O discurso capitalista, segundo Kaye, transforma o ideal especular em mercadoria. O que é vendido ao sujeito não é apenas o objeto de consumo, mas a promessa de identificação com o ideal promovido pelo mercado. Essa identificação, contudo, é sempre frustrada, gerando uma espiral de desejo e insatisfação que sustenta tanto o consumo quanto as relações de poder. A agressividade, nesse

esquema, emerge como uma resposta à alienação do sujeito em relação a seu próprio desejo, agora mediado pelas exigências do mercado e do grande Outro.

Kaye demonstra que a agressividade, longe de ser um fenômeno meramente individual, também é um elemento estrutural das relações sociais contemporâneas, o que revela como o capitalismo não apenas reproduz, mas também intensifica as tensões inerentes à subjetividade, transformando-as em instrumentos de controle e exploração. Além disso, o autor oferece uma crítica incisiva à instrumentalização do narcisismo no capitalismo, destacando como ele é mobilizado para perpetuar alienação e desigualdade. Tal leitura evidencia a relevância da reflexão lacaniana na compreensão da subjetividade em um mundo marcado pela violência estrutural e pela lógica do consumo.

Ao articular narcisismo, agressividade e capitalismo, Kaye esclarece as dinâmicas psíquicas subjacentes ao sistema econômico contemporâneo e também desafia a psicanálise a dialogar com questões sociopolíticas urgentes. Sua abordagem, ao conectar os registros imaginário e simbólico ao contexto histórico, oferece um modelo crítico para analisar como a subjetividade é constituída e transformada em uma era de intensificação da violência e da alienação.

### 2.3. Corpo fragmentado e subjetividade.

Neill e Eysers (2024), oferecem uma leitura detalhada e rigorosa do conceito lacaniano de corpo fragmentado, articulando-o às dinâmicas da agressividade e à constituição da subjetividade. A partir da formulação de Lacan (1998/1948), os autores destacam como o corpo fragmentado não apenas reflete a experiência inicial de descontinuidade no desenvolvimento do sujeito, mas também constitui uma matriz estrutural que persiste ao longo de sua existência psíquica e intersubjetiva.

Para Lacan, o corpo fragmentado é uma das experiências fundantes da subjetividade, presente antes e durante o estágio do espelho. Ele refere-se à percepção inicial que o infante tem de seu corpo como um conjunto de partes

desconexas, uma sensação que é posteriormente reorganizada, pela identificação especular, mas nunca completamente superada. Neill & Eysers destacam que essa percepção fragmentada do corpo não é meramente transitória; ela deixa uma marca indelével no psiquismo, fornecendo as bases para as imagos de desmembramento, mutilação e castração que permeiam a fantasia e a vida onírica do sujeito.

A fragmentação corporal, de acordo com os autores, é vivenciada pelo sujeito como uma ameaça constante de desintegração, o que alimenta tanto o desejo por unidade quanto a agressividade contra o que representa essa ameaça. Essa dualidade está no centro da dinâmica imaginária, na qual o sujeito projeta sua própria fragmentação sobre o outro, configurando uma relação marcada pela rivalidade e pela hostilidade. Neill & Eysers revelam assim que o corpo fragmentado, matriz do imaginário, é fonte inesgotável de tensão e conflito intrapsíquico e também intersubjetivo.

Para os autores, a agressividade, como força estrutural, emerge precisamente da tentativa do sujeito de superar ou negar sua fragmentação interna. Contudo, essa tentativa é sempre frustrada, já que a unidade do eu imaginário, oferecida pela identificação especular, é ilusória e nunca capaz de eliminar completamente a sensação de descontinuidade.

Embora o corpo fragmentado seja uma experiência enraizada no registro do imaginário, Neill & Eysers mostram como ele é também articulado pelo simbólico. O grande Outro, enquanto instância que regula o desejo e a lei, desempenha um papel crucial na reorganização da fragmentação corporal por meio da introdução do sujeito na linguagem e na ordem simbólica. Contudo, essa reorganização é sempre parcial e nunca elimina completamente as marcas da fragmentação, que permanecem como elementos estruturantes da subjetividade.

Os autores destacam que o corpo fragmentado reaparece no campo simbólico sob a forma de metáforas e significantes que dão expressão à agressividade. Por exemplo,

fantasias de mutilação e desmembramento são frequentemente articuladas na clínica como sintomas ou discursos que simbolizam conflitos entre o desejo do sujeito e as exigências do grande Outro. Essa articulação simbólica é, ao mesmo tempo, um meio de dar forma à agressividade e de reinscrever a fragmentação em uma nova configuração discursiva.

O texto de Neill & Eysers também tem implicações significativas para a clínica, particularmente no que se refere ao manejo da agressividade. Eles sugerem que a compreensão do corpo fragmentado como uma dimensão estrutural da subjetividade permite ao analista reconhecer as formas sutis pelas quais a fragmentação e a agressividade se manifestam no discurso do analisando. Essas manifestações incluem lapsos, atos falhos e sintomas que frequentemente expressam a tensão entre a busca por unidade e a percepção de desintegração.

Os autores também ressaltam que a dinâmica do corpo fragmentado é central para as relações intersubjetivas, nas quais a agressividade é frequentemente projetada sobre o outro. Essa projeção, embora defensiva, pode também configurar relações marcadas pela violência simbólica ou física, especialmente em contextos de rivalidade ou exclusão social. Nesse sentido, a análise de Neill & Eysers conecta a clínica à esfera sociopolítica, mostrando como as tensões intrapsíquicas do corpo fragmentado são amplificadas em estruturas de poder e dominação.

A interpretação de Neill & Eysers do conceito lacaniano de corpo fragmentado oferece assim uma visão ampliada da agressividade. Eles mostram como a fragmentação inicial do corpo, longe de ser superada pela constituição do eu imaginário, continua a moldar a subjetividade e suas relações com o outro. Ao conectar o registro do imaginário ao simbólico, os autores destacam a complexidade da agressividade como uma força que atravessa todas as dimensões da experiência subjetiva. Essa análise ilumina os modos pelos quais o corpo fragmentado é reinscrito no simbólico e nas dinâmicas sociais, oferecendo um modelo

crítico para compreender as múltiplas facetas da agressividade.

### Discussão

Propõe-se aqui articular as teses de Lacan (1998/1948) e as contribuições contemporâneas de Fong (2017), Kaye (2023) e Neill & Eysers (2024), buscando aprofundar o diálogo entre as dimensões estruturais da agressividade e os desdobramentos teóricos e práticos contemporâneos. O objetivo central é evidenciar como a agressividade, enquanto conceito psicanalítico, transcende o âmbito clínico e se posiciona como um elemento fundamental para a compreensão das subjetividades em contextos históricos, culturais e sociais diversos.

Como vimos, as teses de Lacan situam a agressividade no cerne da constituição subjetiva, conectando-a aos registros imaginário, simbólico e real. Essa concepção é ampliada e tensionada pelas interpretações contemporâneas de Fong (2017), Kaye (2023) e Neill & Eysers (2024). Cada um desses autores contribui para expandir a compreensão da agressividade, situando-a em novos contextos e oferecendo perspectivas críticas que reforçam sua relevância interdisciplinar.

Fong insere a agressividade em um contexto pré-especular, destacando a figura da mãe, ou sua função, como central na gênese do narcisismo e na configuração das primeiras experiências de ambivalência. Em contraste com Lacan, que localiza a origem da agressividade na alienação do estágio do espelho, Fong argumenta que a alienação é precedida pela tensão inicial entre o infante e a mãe onipotente.

Tal perspectiva oferece uma leitura ampliada das teses de Lacan, sugerindo que a agressividade, antes de se manifestar na rivalidade especular, emerge da dinâmica entre dependência e separação na relação mãe-filho. Fong propõe assim conectar a agressividade às experiências pré-edípicas que prefiguram a constituição do sujeito no imaginário e no simbólico.

Por outro lado, Kaye dialoga com Lacan ao situar a agressividade no contexto das

dinâmicas sociopolíticas do capitalismo contemporâneo, oferecendo uma extensão crítica que conecta as teses lacanianas à análise cultural e histórica. Enquanto Lacan posiciona a agressividade como força estrutural vinculada à alienação imaginária, Kaye observa como essa alienação é amplificada pelas lógicas do consumo e do poder no capitalismo. A violência estrutural descrita por Kaye é uma manifestação da agressividade institucionalizada, na qual a alienação promovida pelo discurso capitalista intensifica as tensões entre o eu idealizado e a realidade fragmentada do sujeito. Essa leitura demonstra como a agressividade, ao ser mobilizada pelo mercado e pelo grande Outro, sustenta estruturas de desigualdade e exclusão. Assim, para Kaye, a agressividade é uma categoria que transcende o intrapsíquico, posicionando-a como uma força que organiza tanto as relações intersubjetivas quanto as dinâmicas macrosociais.

Neill & Eysers, por sua vez, ao explorarem a noção lacianiana de corpo fragmentado, oferecem uma análise que conecta a agressividade às bases estruturais da subjetividade, destacando que o corpo fragmentado, como experiência inicial de descontinuidade, não é superado pela constituição do eu imaginário, mas persiste como uma dimensão latente que molda a relação do sujeito consigo mesmo e com o outro. Essa perspectiva dialoga com as teses de Lacan ao enfatizar que a agressividade é uma resposta à tentativa frustrada de superar a fragmentação interna. A análise de Neill & Eysers demonstra como o corpo fragmentado é reinscrito no campo simbólico, onde se articula por meio de significantes que dão forma à agressividade e às tensões intersubjetivas. Além disso, eles conectam essa dinâmica às manifestações sociais da agressividade, mostrando como a fragmentação inicial do sujeito é reencenada em contextos de rivalidade e exclusão.

A articulação entre as teses de Lacan e as contribuições contemporâneas revela a complexidade da agressividade como força estruturante da subjetividade. Enquanto Lacan oferece uma base teórica robusta para

entender a agressividade no âmbito do imaginário e do simbólico, Fong, Kaye e Neill & Eyers ampliam tal perspectiva ao situá-la em contextos pré-espaciais, sociopolíticos e intersubjetivos. Essa integração não apenas reafirma a relevância das formulações lacanianas, mas também desafia a psicanálise a expandir seus horizontes, conectando suas categorias estruturais a questões culturais e históricas emergentes. A agressividade, nesse sentido, é reafirmada como uma categoria central que transcende os limites do campo psicanalítico, revelando-se indispensável para a análise das subjetividades em transformação.

### **Considerações Finais**

O presente trabalho buscou analisar a agressividade em Lacan, conforme apresentada em “A agressividade em psicanálise”, e articular suas teses com as contribuições de Fong (2017), Kaye (2023) e Neill & Eyers (2024). A análise evidenciou que a agressividade transcende explicações simplistas, posicionando-se como uma dimensão estrutural da subjetividade, intrínseca às tensões do imaginário e do simbólico. Ao longo do texto, foram explorados desdobramentos teóricos que ampliam e enriquecem as formulações de Lacan. Esses desdobramentos situam a agressividade não apenas no plano intrapsíquico, mas também em sua conexão com dinâmicas intersubjetivas e sociopolíticas. As leituras contemporâneas, ao dialogarem com Lacan, demonstraram assim como a agressividade é fundamental para compreender não apenas o sujeito individual, mas também os contextos históricos e culturais que o estruturam.

A síntese apresentada reafirma a centralidade da agressividade como categoria psicanalítica e interdisciplinar. Além de iluminar os processos de subjetivação e suas manifestações clínicas, o conceito se mostra crucial para a análise de questões socioculturais atuais, especialmente aquelas relacionadas à fragmentação, à alienação e à violência estrutural. Esse percurso teórico consolidou a importância de retomar Lacan em

diálogo com abordagens atuais, destacando a psicanálise como instrumento para compreender e intervir sobre as subjetividades em constante transformação.

Tal análise reafirma a agressividade como conceito indispensável à psicanálise, ocupando uma posição central na constituição subjetiva e nas relações intersubjetivas. Considerando-a não apenas um fenômeno transitório ou comportamental, mas como força que emerge da tensão constitutiva entre unidade e fragmentação, desejo e alienação, o discurso laciano desvenda complexidades subjetivas em suas múltiplas dimensões, desde o intrapsíquico até o social.

A presente análise pretende abrir caminhos para investigações futuras e para a ampliação de sua aplicação nos campos clínico e interdisciplinar. No âmbito teórico, sugere-se aprofundar a relação entre agressividade e dinâmicas sociopolíticas emergentes, explorando como o discurso capitalista reorganiza as configurações do desejo e intensifica a alienação subjetiva. Estudos poderiam focalizar a instrumentalização da agressividade em contextos tecnológicos e midiáticos, analisando sua manifestação nas subjetividades produzidas por redes sociais e plataformas digitais.

Na prática clínica, é crucial investigar o manejo da agressividade na atualidade, considerando as formas como ela se manifesta em novas configurações familiares e culturais. Questões como a fragmentação do corpo, revisitada por Neill & Eyers, e a ambivalência em relações iniciais, conforme explorado por Fong, podem orientar abordagens clínicas que lidem com sintomas relacionados ao narcisismo, à rivalidade e às formas contemporâneas de sofrimento psíquico. Além disso, a análise da transferência à luz da agressividade oferece possibilidades de intervenção que enfatizem a integração simbólica e a resignificação dos conflitos imaginários e intersubjetivos.

Do ponto de vista interdisciplinar, o conceito de agressividade se apresenta como ferramenta valiosa para dialogar com áreas como a filosofia, a sociologia, a economia política e os estudos culturais, bem como a

psicologia forense. A conexão estabelecida por Kaye entre o narcisismo e a violência estrutural aponta para a relevância de explorar como a agressividade participa na configuração de desigualdades sociais e práticas de exclusão. Pesquisas interdisciplinares futuras podem examinar a articulação entre o psíquico e o social, destacando a relação entre a fragmentação subjetiva e as dinâmicas de poder, consumo e resistência em contextos globais.

Por fim, o estudo reforça a pertinência de retomar a psicanálise lacaniana como instrumento crítico para compreender as subjetividades contemporâneas. Ao propor investigações futuras e aplicações clínicas que integrem as tensões entre os registros do imaginário, do simbólico e do real, este trabalho busca não apenas expandir o escopo da teoria lacaniana, mas também reafirmar a agressividade como uma categoria indispensável para compreender e intervir sobre os desafios subjetivos e culturais que configuram o humano em constante transformação.

### Referências

- Fong, B. Y. (2017). Aggressivity in psychoanalysis (Reprised): Jacques Lacan and the genesis of omnipotence. In: *Death and mastery: Psychoanalytic drive theory and the subject of late capitalism*. Columbia University Press. <https://doi.org/10.7312/columbia/9780231176682.001.0001>
- Kaye, B. (2023). Lacan, discourses and social bonds II: Aggressivity and narcissistic rage. In: *Žižek and freedom* (pp. 101–120). Palgrave Macmillan. <https://doi.org/10.1007/978-3-031-42151-8>
- Lacan, J. (1998/1948). A agressividade em psicanálise. Em *Escritos* (pp. 104–126). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Neill, C., & Eysers, T. (2024). Aggressiveness in psychoanalysis. In: C. Neill, D. Hook, & S. Vanheule (Eds.), *Reading Lacan's Écrits: From "Overture to this collection" to "Presentation on psychical causality"* (pp. 152–165). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781003368649>

Received November 17, 2024

Revision received April 22, 2025

Accepted June 16, 2025

**Copyright:** © 2024 by the authors. Submitted for possible open access publication under the terms and conditions of the Creative Commons Attribution (CC BY) license (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>).